

BAUMAN E MC GARDEN: GÊNEROS DIFERENTES NUM MESMO TOM
Leonardo Gomes de Souza¹, Lídia Maria Nazaré Alves², Ivete Monteiro de Azevedo

¹ Graduando da Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Carangola, leonardogomes.jhs@gmail.com

² Doutora em Literatura Comparada, Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Carangola, lidianazare@hotmail.com

³ Doutora em Língua portuguesa, Universidade do Estado de Minas Gerais/Unidade Carangola, imazevedo62@gmail.com

Resumo- Pretende-se, neste artigo, fazer a leitura da letra de músicas do conjunto musical de Mc Garden, à luz da teoria Baumaniana. Bauman descreve a modernidade líquida. Nesta se manifesta o indivíduo *de jure*, inimigo do cidadão. O indivíduo *de jure*, ou seja, alienado impede que a sociedade alcance a condição de indivíduos *de facto*. Neste caminho percebe-se o poder midiático na formação e manutenção da condição *de jure*. Por meio do Funk de MC Garden, os efeitos elencados por essa teoria ganha voz e se torna um foco de resistência ao processo de individualização. Diante desse fato, vê-se a necessidade de uma visão histórico-cultural desse estilo de arte tendo em mente o seu clamor por alteridade e o seu processo de rememoração social. Isso faz com que esse estilo represente uma minoria que percebe em sua vida os efeitos da Modernidade Líquida.

Palavras-chave: Teoria Baumaniana; Mc Garden; Funk; Alteridade.

Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes.

1 INTRODUÇÃO

A atual fase experimentada pela humanidade é, para a teoria Baumaniana, uma fase líquida. Nós nos moldamos com o instante, em outras palavras, estamos em um estado permanente de instabilidade. Muitas são as razões para estarmos em tal situação, entre elas a Mídia e seu poder publicitário. Somos uma sociedade de consumidores, atesta Zygmunt Bauman (2011). Nesta condição, as minorias tendem a ser caladas, pois seu poder aquisitivo é ínfimo, se comparado ao daquele grupo que Karl Heinrich Marx denominou em sua teoria de Burguesia. Essas minorias, no entanto, criam e recriam mecanismos para se expressarem ante a ferocidade do mundo. Alteridade, enquanto expressão do que se é, cria muitos estilos de escrita, música, dança enfim de manifestações socioculturais. Neste artigo, analisar-se-á, como manifestação cultural das minorias, o funk. Dentro deste estilo, a letra de Mc Garden (Lucas Rocha da Silva) e como este está atrelado às raízes deste movimento cultural. Esta se mostra autêntica e afiada com as diversas questões vivenciadas pela humanidade, em diversos níveis. A poesia de sua música busca representar os diversos contextos humanos.

2 METODOLOGIA

Escolheu-se para a execução desse trabalho uma metodologia de cunho qualitativo. Usar-se-á a técnica de análise documental para descrever as interligações entre as vozes de Zygmunt Bauman, por meio de sua teoria, e a voz de Mc Garden, por meio de sua música.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vários são os autores que se dedicam a estudar o processo de transformação sociocultural. Dentre esses daremos voz a Marshall Berman, Zygmunt Bauman e David Harvey.

Estamos na fase do instável. Há, em muitos aspectos, um processo de desumanização, em outras palavras, está se abandonando a face social da humanidade em face do individualismo. Essa fase recebe diferentes nomenclaturas: contemporaneidade, pós-modernidade ou mesmo modernidade líquida.

Segundo Marshall Berman, a contemporaneidade tem por temas definidores “a glória da energia e o dinamismo [...], a inclemência da desintegração e o niilismo” (BERMAN, 1986, p. 137). Essa relação faz com que fatos e valores sofram um processo de emaranhamento, explosão, decomposição, recombinação; uma fundamental incerteza sobre o que é básico, o que é válido, até mesmo do que é real” (idem, p. 137 – 138). Mecanismo que na voz de David Harvey (1989, p.22) “é caracterizado por um interminável processo de rupturas e fragmentações”.

O mundo atual, a partir desses autores, é caracterizado por um contínuo processo de decomposição do que se é: uma troca permanente do SER pelo ESTAR. Para Harvey o protótipo literário de toda essa situação é “O Fausto” de Goethe, isto é, “um herói épico preparado para destruir mitos religiosos, valores tradicionais e modos de vida costumeiros, para construir um admirável mundo novo, a partir das cinzas do antigo”. Ao fazer tal afirmação, Harvey dialoga com Berman.

Berman, na introdução de seu livro adverte que:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (BERMAN, 1986, p. 15)

Por um lado a modernidade promete realizar todos os nossos sonhos e desejos, mas, para isso, devemos estar em uma perpétua atualização, onde temos de cortar até mesmo os laços conosco, uma vez que o nosso ser tem de se sincronizar com o instante. Não há espaço para a criação de uma identidade sólida, seja ela em nível pessoal ou social.

Com relação aos grupos minoritários (os que não dominam e/ou não estão inseridos nos valores da cultura ocidental: masculina, branca, ideológica e ilustrada, herdada e também construída principalmente a partir dos modelos europeus) continua o autor:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana (idem).

Há, porém, um preço a se pagar por essa unidade, nos termos do autor, “paradoxal” (idem). Há “uma unidade da desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia.” (idem) Em suma, “Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’” (idem).

Sendo assim, não só as tradições dos grupos majoritários se diluíram, também os grupos minoritários sofreram e sofrem com esse processo de diluição cultural. É um processo que, com já foi dito, deseja destruir tudo em seu caminho para reestruturar o mundo. Harvey chama isso de ‘destruição criativa’. Explica o autor: “O único caminho para a afirmação do eu, era agir, manifestar a vontade, no turbilhão da criação destrutiva e da destruição criativa” (1989, p.26).

Na voz de Zygmunt Bauman essa realidade ganha nova nomenclatura assim como uma nova abordagem, mas não se ameniza em nada o processo destruidor da identidade. Dos teóricos já citados, Bauman é o mais promissor em número de obras. Sob a ótica de sua obra matriz, a saber, “Modernidade Líquida” (2011) ele vêm destrinchando esse contexto em múltiplos aspectos.

Bauman, em sua teoria, identifica como fluida a modernidade. Aos nossos olhos essa imagem representa com grande clareza a sociedade do provisório e descartável, descrita por nossos teóricos. O sociólogo polonês justifica a sua metáfora com a seguinte observação:

Os fluidos se movem rapidamente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos (BAUMAN, 2011, p.8).

Em outras palavras, os líquidos se moldam ao instante. Estão em constante alteração e são capazes de se moldarem a qualquer forma. Por outro lado, uma vez que os líquidos se alteram eles jamais retornam a forma original. Podem voltar ao mesmo espaço, mas não de uma maneira idêntica àquela que ele estava anteriormente.

Outra consequência quase que inevitável da modernidade líquida (Bauman reconhece que a modernização é um processo dividido em fases. Houve a modernidade sólida marcada pela segurança e estaticidade. Hoje se vive a modernidade líquida) é a individualização. Essa conduziu os seres humanos ao esmaecimento dos afetos, ao isolamento, ao fechamento ao outro, ou melhor, na ótica da alteridade, todos passam a ser o meu outro.

Para entender esse processo é preciso que tenhamos uma visão mais clara sobre o processo de liquefação. A modernidade nasce com um incrível e potente clamor por liberdade. Bauman afirma que a emancipação é a quebra de todas as correntes que se opõe aos movimentos, logo, na constituição do mundo moderno, por ideal, o ser humano deve romper com tudo o que ele sente que o aprisiona.

Essa realidade, denuncia Bauman, “chegou para ficar; toda elaboração sobre os meios de enfrentar seu impacto sobre o modo como levamos nossas vidas deve partir do reconhecimento desse fato.” (BAUMAN, 2011, p.47).

O processo de individualização vem sendo construído na sociedade desde o despertar da modernidade e em suas diferentes fases. Em cada fase foi-se afetando uma face da vida social. Por fim os sólidos, isto é, tudo aquilo que a vida e o relacionamento social tinham por elemento guia, elemento de certeza, ou seja, toda a gama de valores e tradições que guiavam a vida e o relacionamento das e entre as pessoas, se liquefizeram. Bauman utilizando perguntas retóricas questiona: “a modernidade não foi ‘liquefação’ desde o começo? Não foi o ‘derretimento dos sólidos’

seu maior passa tempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi 'fluida' desde a sua concepção? (BAUMAN, 2011, p.9)

A marca desta fase é a "individualização". Bauman afirma que "a apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna" (BAUMAN, 2011, p.39). Esse processo tornou o ser humano totalmente voltado para si, para seus desejos, vontades e necessidades. Escreve Bauman, compilando o pensamento desta fase. "Não olhe para trás, ou para cima; olhe para dentro de si mesmo, onde supostamente residem todas as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento da vida – sua astúcia, vontade e poder." (BAUMAN, 2011, p.38).

Todo esse contexto gera categorias de indivíduos. O teórico polonês o dividem em três tipos: indivíduo *de jure*, cidadão e indivíduo *de facto*.

A travessia que o indivíduo e a sociedade devem fazer, concomitantemente, é de um indivíduo *de jure* para cidadão e de cidadão para indivíduo *de facto*. Porém "há um grande e crescente abismo entre a condição de indivíduos *de jure* e suas chances de se tornar indivíduos *de facto* – isto é, de ganhar controle sobre seus destinos e tomar as decisões que em verdade desejam." (BAUMAN, 2001, p. 48).

Há entre o indivíduo e o cidadão uma inimizade abissal. "O cidadão' é uma pessoa que tende a buscar seu próprio bem-estar através do bem-estar da cidade" (2001 p. 45) por outro lado "o indivíduo tende a ser morno, cético ou prudente em relação a 'causa comum'". (BAUMAN, 2001, p. 45). Bauman resume tudo isto em uma constatação: "Em suma: o outro lado da individualização parece ser a corrosão e a lenta desintegração da cidadania" (BAUMAN, 2001, p. 46).

Quando o indivíduo tornar-se cidadão e, por consequência, ele e a sociedade se tornarem autônomas com a capacidade de decidirem por si mesmos, sem o processo alienatório que tira do ser toda a capacidade de reflexão, se chegará ao estágio último: o indivíduo *de facto*. A cidadania é o caminho: "O indivíduo *de jure* não pode se tornar indivíduo *de facto* sem antes se tornar cidadão" (BAUMAN, 2001, p.50). Bauman esclarece dizendo que não existe indivíduo emancipado (entenda-se autônomo) sem que haja uma sociedade em mesma condição, além disso, deve-se saber que "a autonomia da sociedade requer uma autoconstituição deliberada e perpétua, algo que só pode ser uma realização compartilhada de seus membros" (BAUMAN, 2001, p.50).

Essa passagem só pode ser concebida mediante uma expansão de mundo do próprio indivíduo. Deve ser alterada a relação que é mantida consigo, uma vez que se está reformulando a postura de vida, com o mundo e com o outro. Só um ser crítico consegue fazer este processo.

O ser crítico deve superar o desafio da mídia e o seu poderio alienatório.

Uma das maneiras de se forjar a individualidade *de jure* no ser é a publicidade. Jean Baudrillard afirma que "a publicidade tem como tarefa informar as características deste ou daquele produto e promover a sua venda" (BAUDRILLARD, 2000, p.291); prossegue o sociólogo francês dizendo que "da informação, a publicidade passou à persuasão, depois à 'persuasão clandestina'" (BAUDRILLARD, 2000, p.291), por fim, alerta, "temo-nos amedrontado diante da ameaça de condicionamento totalitário do homem e suas necessidades" (BAUDRILLARD, 2000, p.291). Isto, porém, não é explícito, o que deixa o indivíduo com a sensação de liberdade, sentindo-se livre, explica Baudrillard "o discurso publicitário dissuade ao mesmo tempo que persuade e daí parece que o consumidor é, se não imunizado, pelo menos um usuário bastante livre da mensagem publicitária" (BAUDRILLARD, 2000 p.291).

Baudrillard, em outro ponto, nos alerta: "Os que negam o poder de condicionamento da publicidade (dos *mass media* em geral) não descobriram a lógica particular de sua eficácia" (BAUDRILLARD, 2000, p.292). Sobre esta lógica prossegue ele "não mais se trata de uma lógica do enunciado e da prova, mas sim de uma lógica da fábula e da adesão" (BAUDRILLARD, 2000 p.292). Isto é, a publicidade trabalha com os desejos dos indivíduos, a fim de manipulá-los.

O ser em sua individualidade é sensível aos estímulos de proteção e gratificação, "ao cuidado que 'se' tem de solicitá-lo e persuadi-lo, ao signo, ilegível à consciência, de em alguma parte existir uma instância" (BAUDRILLARD, 2000, p. 293) que concorda em comunicá-lo, quais são os seus reais desejos. O autor argumenta que o indivíduo não acredita na publicidade da mesma forma que não acredita no Papai Noel. Porém isto não o impede de "aderir da mesma maneira a uma situação infantil interiorizada e de se comportar de acordo com ela" (BAUDRILLARD, 2000, p.293).

A publicidade, como Baudrillard demonstra em sua fala, busca usar do desejo de proteção e recompensa interiorizado nas pessoas para agir. Desta maneira "a publicidade se afana, em sentido inverso, em recriar uma confusão infantil entre o objeto e o desejo do objeto" (BAUDRILLARD, 2000, p. 294). A publicidade faz com que o indivíduo retorne a uma condição de infantilidade onde a criança confunde a mãe com o presente que ela dá. A publicidade assim é uma das forças motrizes para que o indivíduo se mantenha na condição *de jure*.

Uma arma contra esse processo é a Educação. Esta faz com que haja o indivíduo *de jure* seja desestabilizado.

No livro “Sobre educação e juventude” (2013) Bauman reflete sobre o papel da educação e o destino dos jovens na atual modernidade líquida. É afirmado por Bauman que “o único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar.” (BAUMAN, 2013, p.16) A educação/formação tem a grande responsabilidade de guiar o mundo à manifestação concreta da individualidade *de facto*. Assim “para estarem preparados, eles precisam da instrução: ‘conhecimento prático, concreto e imediatamente aplicável’” (BAUMAN, 2013, p.16). Bauman conclui que “para ser ‘prático’, o ensino de qualidade precisa provocar e propagar a abertura, não a oclusão mental” (BAUMAN, 2013, p.16).

Nosso artigo busca a abertura das mentes, a fim de dar condições aos indivíduos *de jure* de desenvolverem sua criticidade. O ser crítico está pronto para a passagem que o levará a individualidade *de facto*.

Uma das facetas mais evidentes de como o indivíduo *de jure* é o consumo em demasia. Este consumo nos é imposto por um mercado cada vez mais poderoso e com mais armas de sedução, dentre elas, a publicidade.

Para Bauman a educação é a salvação para essa realidade, embora também esta esteja bem enfraquecida (BAUMAN, 2013). Para solucionar tudo isto “nada menos que uma ‘revolução cultural’ pode funcionar” (BAUMAN, 2013, p.20). Assim, conclui Bauman, “embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados, e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, ainda tem poderes de transformação suficientes para ser considerado um dos fatores promissores para essa revolução” (BAUMAN, 2013, p.20).

Esse trabalho pretende analisar as letras de um Mc, à luz de uma teoria. Faz-se, por isso, necessário, a devida explanação sobre o estilo de música em questão. Propomos um olhar histórico-cultural.

A pesquisadora Iara Félix Viana em sua dissertação de mestrado intitulada “Mulheres negras e baile funk: sexualidade, violência e lazer” nos oferece uma breve descrição histórica a respeito do funk. Segundo ela, o funk, no Brasil, surge nos anos 70, como uma evolução dos então bailes blacks. Porém foi na década de 80 que o funk começa a ganhar destaque no campo musical. Este se desenvolveu embalado pelos sons dos melôs. Viana, em outro ponto de seu estudo, apresenta as possíveis influências africanas sob o estilo musical em questão. “a matriz do funk reporta também à tradição musical africana, reelaborada na diáspora” (VIANA, 2013, p. 50). A escritora segue afirmando que vários estudos buscam descrever as relações existentes entre “a sonoridade africana baseada no ritmo e com a tradição oral dos ‘griots’, que foram incorporados na experiência cultural dos afro-americanos através de uma série de práticas, dentre elas o ‘toast’” (VIANA, 2013, p. 50 - 51).

Luciano Debom Steiw (2013) é outro pesquisador que em sua dissertação intitulada “Estilos juvenis na periferia urbana – conhecendo culturas de alunos de uma escola municipal na Restinga velha” trabalha com o funk, como produto e formador da cultura juvenil. Steiw, em seu texto, objetiva delinear a cultura jovem de alunos de uma escola do Bairro Restinga, cidade de Porto Alegre. Em um dos itens, nosso ensaísta desenvolve o texto sob a égide do seguinte título: “Cenários musicais juvenis: ‘o funk tá virando uma cultura’”. Dentro deste tópico é mostrado como o funk está presente na realidade dos jovens da escola em questão. Para o autor, o funk se tornou um estilo que passeia pelos diversos contextos, por exemplo, “um dos rapazes do grupo estudado, ao mesmo tempo em que admira o Funk, também tinha gosto pela música gaúcha” (STEIW, 2013, p.69). Outro caso que ilustra esta situação é o da garota que canta no coral da Igreja e convenceu ao pai a tocar funk em sua festa de 15 anos (STEIW, 2013). Nosso pesquisador afirma que o funk parece ser um distintivo para demarcar grupos. A partir disso, é importante perceber que os artistas admirados pelos alunos não provém da Restinga (bairro onde se localiza a escola em questão), mas de outras periferias e abordam, nas suas letras, temáticas semelhantes às vivenciadas pelos alunos em seus próprios contextos.

Para os articulistas isto deixa evidente que o funk faz parte da cultura brasileira. Desde o sul até o norte há grupos sociais que se ligam a este estilo e este estilo evoca a memória coletiva deste grupo.

Nessa perspectiva, Cybelle Tastaldi Al-Assal, afirma que a memória se constitui de ‘sensorialidades’, isto é, “de cheiros, sons, imagens quentes e frios” (AL-ASSAL, 2013, p.29). Para os articulistas isto evidencia que o funk fala àqueles que o ouvem em uma relação que está para além da música, sem deixar de ser uma relação musical, uma relação que evoca os cheiros, sons, imagens, quentes e frios da história/identidade desse povo. Desta forma o funk está para além da música porque, na música, está toda a realidade e sofrimentos, aspirações das maiores camadas sociais. A história de um povo narrada, assim como, os valores e contra valores presentes na sociedade.

Mc Gardem na sua música “Vários Perdidos e Homenagem Ao Kinho” exemplifica isto muito bem. Ele canta: “Vários amigos perdi/nessa vida de ilusão/pa quem entra nela só tem dois caminhos/

a cadeia ou o caixão” (SILVA, 2015). Esse trecho deixa clara a tristeza de um amigo ao ver que muitos amigos se encaminharam por vias legalmente e/ou moralmente ilícitas. Outro ponto da música que explicita isto é “do tempo de infância/ muitos que estavam comigo/ hoje o sol vê nascer quadrado/ porque o seu sonho era ser bandido” (SILVA, 2015). É um estilo que se propõe a cantar a realidade de um povo, por isso, é um estilo que vai além da música sem deixar de ser musical.

Aqui parece-nos necessário fazer um parêntese. O funk é um estilo heterogêneo. Há o funk consciente. Este é o gênero musical de nosso artista. Este se aproxima do chamado funk raiz. Há o funk ostentação que canta o enriquecimento, a fartura, o consumo. Enfim, vários são os subgêneros do funk. Nosso artigo pauta-se sobre o funk consciente. No entanto, os articulistas não apreciam nenhuma forma de preconceito, lutando sempre para que as pessoas tenham o direito de escolha. Não é a imposição que gera o indivíduo *de facto*, o indivíduo consciente. Retomando, este processo (memória – sensorialidades) só é possível por aquilo que Al-Assal chama de rememorar. Para ela, este conceito pode ser definido como o ato de trazer o que já vivemos, aquilo que foi nos transformando naquilo que somos, para o presente, para o agora. Concluiu os articulistas que rememorar é costurar passado e presente, a partir da sensorialidade comum à memória. “Em outras palavras, nossa biografia e o presente também influenciam, como vemos, nosso próprio passado e aquilo que ‘escolhemos’ recordar dele” (AL-ASSAL, 2013, p.29). O funk, mais especificamente o funk do Mc Garden, trás à tona o passado de um povo e o presente, vivenciado por ele. Diante do que é exposto por Al-Assal, a fala de Steiw toma um novo entendimento. O funk faz parte da cultura juvenil porque ele evoca uma identidade, uma memória e aspirações. Por isso este estilo, no âmbito juvenil, se faz presente nos múltiplos ambientes, desde os mais conservadores aos mais liberais.

Já se expôs até este ponto a respeito da Teoria de Zygmunt Bauman e um pouco sobre o real espaço ocupado pelo Funk na cultura brasileira. Está na hora de se perceber onde ambos os assuntos se unem. Duas falas para uma mesma realidade.

Como já o atestamos, Bauman identifica a nossa realidade com a fluidez. Isto se evidencia nas letras do Mc. Na música “Sai de cima do muro” o artista canta: “Futilidade em grande quantidade/É vista e conquista mais um Youtuber” (SILVA, 2016). A fluidez que se concretiza nas novas maneiras de lidar com a realidade. Uma nova concretude da vida emanada de novas relações táteis com a realidade fruto também do esmaecimento dos afetos.

Esta fluidez gera o indivíduo *de jure*, o ser alienado. Na música Independência o Mc canta dependências que mantêm o indivíduo em sua condição *de Jure*: “Dependentes da surfasse/E da rede social/E a deepweb emergindo agora/Será que isso é proposital?” (SILVA, 2013).

Bauman atesta a necessidade de se perceber a situação de dominado, *de jure* e reagir frente a ela. Isto é evidente na música: “Isso aqui ainda tem jeito/O nosso defeito é ficar parado/Ou você acorda agora ou vai chorar/no futuro/Sai De Cima Do Muro/Sai De Cima Do Muro/Aprimore sua visão pra não dar tiro no escuro” (SILVA, 2016).

Em outro momento Bauman contempla a nova realidade a surgir com o florescer do indivíduo *de facto*. Mc Garden contempla o caminho: “Consciência, atitude e respeito/Não manjo outro jeito de mudar o mundo” (SILVA, 2016).

Este é o processo de transformações que darão origem ao novo mundo. Consciência da realidade presente, da condição *de jure* a que o indivíduo e a sociedade estão submetidos; atitude que leva ao abandono da condição *de jure*, do individualismo e a manifestação da cidadania em nível de sociedade e do ser cidadão em nível pessoal; e, por fim, o respeito característica base da sociedade que não são norteadas por relações de dominação e alienação.

Esta é uma tentativa experimental de estruturar um diálogo entre vozes diferentes. Essas vozes, no entanto, se posicionam ante a realidade vivenciada pelos homens de hoje.

4 CONCLUSÃO

Pretendeu-se, neste artigo, fazer a leitura do conjunto musical de Mc Garden, à luz da teoria Baumaniana. No primeiro momento descreveu-se a visão de Zygmunt Bauman, à cerca da sociedade moderna, mostrou-se a formação dos seres constitutivos da sociedade: indivíduo *de jure*, cidadão e a construção do indivíduo *de facto*. Passou-se em diálogo, pelo sujeito alienado de Marx e o processo de fetichização da mercadoria para se vislumbrar com mais clareza o indivíduo na condição *de jure*. De Bauman ficou o entendimento da liquidez da contemporaneidade, atrelando a ela a formação de identidades fluidas, resultando na formação do indivíduo *de Jure*: o sujeito alienado que acredita agir por conta própria. Em seguida, Baudrillard orientou nosso olhar, a fim de percebermos a maneira pela qual a mídia perpetua esta condição. Prosseguindo, relacionou-se todo este nicho teórico com a educação, na perspectiva de Bauman, a fim de dizer a real importância desta para a transformação da realidade. Ficou entendido que a educação é o instrumento ímpar para que se realize a travessia do indivíduo *de jure* ao cidadão e, posteriormente ao indivíduo *de facto*. Em um último suspiro, voltou-se o olhar para a visão do individualismo na perspectiva literária de Iam Watt. Em um segundo

momento, debruçou-se sobre a figura de Mc Garden. Traçou-se o perfil histórico e cultural do funk, a fim de se deslumbrar o espaço ocupado por este estilo dentro da atual sociedade. Em seguida, mudou-se um pouco a ótica, a fim de se descobrir como o Mc em questão traduziu por meio de sua arte as teorias apresentadas no primeiro momento.

5 REFERÊNCIAS

AL-ASSAL, C. T. **Musica: lugar da memória e morada do ser**. 2008. 91p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo/ Instituto de psicologia.

ARAÚJO, T. **História do funk: do soul ao batidão**. Portal Terra. Rio de Janeiro, Disponível em: http://www.terra.com.br/reporterterra/funk/historia_do_funk.htm. Acesso em: 14 de Jun. 2016.

BAUDRILLARD, J. Significação da Publicidade. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de Massa**. 5. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000, Cap. 9. P.291-299.

BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Sobre educação e juventude**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2013.

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 2º.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 15º. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SILVA, L. R. **Independência**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mc-garden/independencia.html>. Acesso em: 15 de jun. de 2016.

_____. **Sai de cima do muro**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/mc-garden/sai-de-cima-do-muro.html>. Acesso em: 15 de jun. de 2016.

_____. **Vários pedidos e homenagem ao Kinho**. Disponível em: <https://m.letras.mus.br/mc-garden/1650099/>. Acesso em: 15 de jun. de 2016.

STEIW, L. D. **Estilos Juvenis na periferia urbana – conhecendo culturas de alunos de uma escola municipal na Restinga Velha**. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Faculdade de Educação.

VIANA, I. F. **Mulheres negras e baile funk: sensualidade, violência e lazer**. 2013. 216f. Dissertação (Mestrado em Lazer) – Universidade Federal de Minas Gerais/ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia ocupacional.